

EXPECTATIVAS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Nestes primeiros dias de janeiro, por causa do calor ou da distensão de nervos, depois da trepidação do fim-de-ano, há uma tendência geral à pasmaceira. A República boceja. Mas neste ano a sesta do país é menos tranqüila que de costume. Apesar de suspensos os problemas não são menos ameaçadoras as expectativas que esperam pela volta dos senhores parlamentares. Está por exemplo, suspensa sobre nossas cabeças como a espada de Damocles, a questão da liberdade da radiodifusão e da televisão, de que já temos falado mais de uma vez nestas colunas. Está suspensa também a questão da prorrogação dos mandatos. A esse respeito li outro dia a curiosa argumentação de um de seus propugnadores, que aborrecia o assunto como se todos nós estivessemos de acordo sobre as vantagens da coincidência dos mandatos, embora divergissemos a respeito do melhor modo de conseguí-la. Tal suposição pareceu-me estranha, pois nunca me ocorreu que houvesse o menor inconveniente na não coincidência, e nunca, nas várias rodas que frequento, ouvi ninguém queixar-se do fenómeno. Mas muito mais estranha do que tal pressuposto é o argumento que invocam para justificar a necessidade da coincidência. Dizem eles que as eleições, sobretudo no interior do país, custam muito dinheiro e pesam demais nas caixas dos partidos nacionais.

Nós já sabíamos que eleição, que teoricamente é fácil e gratuita, custa na prática bastante dinheiro. Dinheiro officioso, dinheiro realista, dinheiro inevitável, inelutável, mas dinheiro de que não se fala e do qual não se tem recibo. O que jamais imaginamos é que chegasse o dia claro, oficial, parlamentar, em que os interessados viessem reclamar a carestia do processo. Pois esse dia chegou. Se bem entendi se não fui vítima de um sonho de excessivo verão, queixam-se os militantes da política dos confins que a eleição muito frequente fica muito cara, porque é preciso organizar caravanas, fretar caminhões, distribuir cachaça, montar currais e gratificar eleitores.

Sempre me pareceu que a educação do povo e a correlata solidez do regime só teriam a lucrar com

a maior repetição do exercício do voto. E até cheguei à candura de pensar que, se faltam os meios de transporte para os eleitores dos sertões e veredas, é mais democrático abrir estradas do que fechar secções eleitorais. Como no caso do voto dos analfabetos, em que também pensei que era mais razoável elevar o povo até o voto, alfabetizando-o, do que rebaixar o voto até o nível daquilo que alguns teóricos consideram inevitável e incorrigível realidade brasileira. Mas os autores do postulado da coincidência, que por coincidência querem o prolongamento, ou a tranqüila reeleição indireta do Presidente, pensam de outro modo. E o que é espantoso, ao menos para mim, é que não hesitam em publicar as razões de suas inquietações. Eleição dá trabalho e custa dinheiro. Logo, em nome dos ideais de eficiência e de produtividade, já que é preciso montar currais, deve-se aumentar o período em que se tem de tanger o gado eleitoral.

Como disse, acho que são poucas as eleições, acho até que devíamos ter uma por ano. Não é luxo, é exercício. Não é desperdício, é proveito. E agora, se bem entendi a algaravia dos defensores da coincidência nos mandatos, descubro uma vantagem que até então me escapara: a de estourar os cofres dos partidos nacionais até que venham a fazer eleições de graça, ou que resolvam trabalhar para que os eleitores tenham transporte todos os dias e não somente de cinco em cinco anos.

O negócio das relações com a Rússia está também no ar, como nuvem de verão. Em princípio eu gostaria que todas as nações do mundo tivessem recíprocas e boas, e excelentes relações. O que me parece evidente é que a oportunidade em que se arma tal problema é péssima para nós, por se alimentar, e grande parte, pelo sucesso balístico da União Soviética. A impressão que se tem é que a Rússia, depois dos satélites que soltou, quer captar mais um dos que não salta. É verdade que foram eles que tomaram a iniciativa de piscar o olho dirão os nossos ardentes moscovitas; mas é fácil verificar a facilidade que tem aquele regime de fazer gestos largos e persuasivos. Gestos moscovitas

também, como lá diz o Fernando Pessoa, ou o Alvaro Campos. E o que pensar do telegrama que o sr. Presidente passou em resposta à amabilidade soviética? Eu acho o telegrama muito sputnik, ou muito viscount.

Aliás, por falar em Viscount, todos nós tivemos o prazer de ler a minuciosa descrição das comodidades que o novo Viscount comprado para a presidência da República oferece. É uma beleza! Eu não sei se o sr. Presidente da República conseguirá, ao menos em parte, realizar as tarefas que lhe parecem tão admiráveis. Não sei se chegará a inaugurar o Palácio da Alvorada, e se conseguirá convencer alguém, ou convencer-se a si mesmo, que multiplicou por dez a marcha do tempo. O certo é que Sua Excelência tem aproveitado bem os prazeres da presidência, tem se divertido a mais não poder. Veja: o novo Viscount! E isto, com o devido respeito, e em nome das liberdades literárias, me leva a fazer uma aproximação entre o seu caso e o daquela aposta que o macaco fez com o leão. Não sei se o leitor conhece a anedota. Não posso contá-la inteira, mas posso dizer que o macaco, em certa altura, esqueceu-se da finalidade precípua da aposta e perdeu a conta das emissões... O que ele queria eram os viscounts.

Outro dia num momento de melancólica meditação, achei-me a ponderar sobre o que pensaria o presidente da República da reforma do ensino e das liberdades em que se inspiraram, no dizer deles, os constituintes de quarenta e seis. Se eu me preocupo, até o sofrimento agudo, até o limiar da angústia e do desespero, seria de esperar que o chefe da nação nem conseguisse dormir enquanto não lhe viessem dizer que já não existem filas nas sargetas, para obter matrículas nas escolas municipais, e já não existe a asfixia totalitária do ensino nos diferentes níveis. Esta é outra, e a meu ver a mais dolorosa de nossas expectativas. Que solução trará o ano de 58, com que disposição voltarão das férias os senhores parlamentares?

O caso é que o espírito democrático e o outro, o espírito de porco totalitário, estão empenhados numa luta sensacional. A arena está preparada, o jogo é iminente, e nós os das arquibancadas desse Estádio que tem oito milhões de quilômetros quadrados e sessenta milhões de espectadores, podemos entabular as apostas particulares e formular os prognósticos dos sucessivos rounds da luta. Quem ganhará a partida da liberdade da radiodifusão que é uma parte da liberdade de imprensa? Quem ganhará a partida da coincidência dos mandatos e das prorrogações? Quem ganhará a partida da liberdade da iniciativa particular contra a tendência cada dia maior da absorção estatal? Quem ganhará o jogo da liberdade da previdência social, que já se encaminha para a centralização estatal? Quem ganhará a partida do reatamento das relações com a Rússia? Quem ganhará a partida, a mais emocionante de todas, da liberdade de ensino e da maior difusão daquilo que na Constituição se diz que é direito de todos?

Aprontemos o lápis para marcar o score. Mas a julgar pelas tendências, a julgar pelo Viscount, eu receio que o placard seja terrível para nós. Nas sete lutas que enumeramos, ganhará, se não houver reação do time democrático, se não houver milagre, ganhará o espírito totalitário por sete a zero. O Pedro Estrada, ex-turturador dos democratas da Venezuela, está sem emprêgo. Os russos também poderão, nessa matéria, trazer-nos a contribuição de sua longa experiência.